

A Alma das Coisas.

Por Edilamar Galvão

Resumo:

As obras *Máquinas III* e *Auditório para questões delicadas*, de Guto Lacaz, revelam um artista cujo trabalho ultrapassa o “mero” deslocamento do “sentido original” dos objetos para desprogramá-los da função utilitária das coisas ao mesmo tempo que demonstra um encanto pela criatividade das invenções e descobertas do mundo industrial.

Palavras-chave: Guto Lacaz, Instalação, Performance.

Abstract:

Máquinas III (Machines III) and *Auditório para questões delicadas* (Auditorium for delicate questions), by Guto Lacaz, reveal an artist whose work goes beyond the “mere” shift of the “original sense” of the objects to detach them from the utilitarian use of things while at the same time showing a fascination for the creativity of inventions and discoveries of the industrial world.

Key words: Guto Lacaz, Installation, Performance.

“Está, então, enunciado em geral o que é a alma. Pois ela é a substância segundo a determinação, ou seja, o que é, para um corpo de tal tipo, ser o que é. Se um instrumento fosse um corpo natural – por exemplo, o machado -, a sua substância seria o que é ser para o machado, e isto seria a sua alma. Separado disso ele não seria mais um machado, exceto por homonímia. (...) É preciso considerar o que foi enunciado também no que diz respeito às partes. Pois se o olho fosse um animal, a alma dele seria a visão.”
Aristóteles, *De Anima*.

“Cada coisa útil como ferro, papel etc., deve ser encarada sob duplo ponto de vista: segundo qualidade e quantidade.

Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e portanto pode ser útil sob muitos aspectos.

Descobrir esses diversos aspectos e portanto os múltiplos modos de usar as coisas é um ato histórico.”

Karl MARX, “O fetiche da mercadoria” em *O Capital* vol.1. Citado por Guto Lacaz na introdução do link “objetos” no seu site www.gutolacaz.com.br

“Acho que uma pessoa só pode dizer que viu uma coisa, depois de tê-la desenhado. Estou aqui fazendo esse louvor ao desenho, mas preciso dizer que desenho enlouquece. Produz raiva, ódio mortal, sensação desagradável de incapacidade, mostra seus limites.”
Guto LACAZ, “Desenho” in Edith DERDYK (org.), *Disegno.Desenho.Desígni*.

“O silêncio é o reconhecimento de um grande mistério”, já escreveu Nabokov. É assim a obra de Guto Lacaz. Silenciosa. Não apenas porque ele seja um artista das imagens e suas performances teatrais sejam mudas. Suas imagens e seus objetos são silenciosos na economia dos traços, na limpeza gráfica, na tentativa de limpar o excesso justamente de imagens. Mas é um silêncio que também nos faz rir.

Das características dominantes de seus trabalhos, já se falou do bom humor característico e do procedimento à la Marcel Duchamp de deslocar o “sentido original” dos objetos. Talvez essas marcas sejam mesmo indelévels, mas eu arrisco a dizer que há também um espanto, uma recusa e um isolamento do mundo que atravessam muitas das obras de Guto Lacaz.

Eu me deterei aqui em duas obras: a instalação *Auditório para questões delicadas* produzida para os 200 anos da Declaração dos Direitos Humanos e inaugurada no dia 24 de agosto de 1989 no lago do Ibirapuera e *Máquinas III*, apresentado em setembro no Teatro da Aliança Francesa, mês que o artista completou 60 anos, e os comemorou no palco com mais dois espetáculos; a reapresentação de *Eletroperformance* e a estréia de *IOU, a Fábula do Cubo e do Cavalo*.

Auditório para questões delicadas “naufragou” no dia seguinte à sua inauguração como anunciou matéria da *Folha de S. Paulo* dois dias depois. A notícia com foto é reproduzida no site do artista que contém vasta documentação do seu trabalho. Um vídeo sobre a montagem da obra mostra ainda as dificuldades técnicas e de projeto a serem superadas para Lacaz conseguir finalmente “apoiar” na superfície da água e no centro do lago um auditório de cadeiras pretas, daquelas finas de escritório, mas exibidas em toda a sua elegância nessa situação surpreendente.

Eu não tive a felicidade de contemplar essa obra *in loco*. Mas as imagens dela sempre me comoveram. É de uma delicadeza e insustentabilidade que mesmo saber de todos os procedimentos técnicos que permitem tal feito na água não diminui o conflito das sensações diante do contraditório provocado pela imagem.

Não consigo olhar para o postal daquelas cadeiras sem pensar na fragilidade das relações humanas, na sua quase impossibilidade. É nesse sentido uma imagem silenciosa – mesmo que todas as imagens sejam silenciosas a seu próprio modo – o que mais seria necessário “explicar” diante dela? Que almas ou pessoas conseguiriam sentar ali com a leveza e a delicadeza necessárias para não afundarem e se afogarem no desequilíbrio do peso de seus corpos? Ou será que o equilíbrio só é possível na ausência? Aquelas cadeiras, sendo cadeiras, nos convidam a sentar nelas. Seu “chão” improvável, porém, nos adverte do risco da empreitada. Serei “leve” o suficiente? O *Auditório para questões delicadas* olha-me de volta como a denunciar a lista de todas as questões delicadas prontas a naufragar diante da mínima indelicadeza. O “naufrágio” da obra no primeiro dia pode ser lido à distância como acaso poético de fragilidade e esperança. A imagem das cadeiras encalhadas e o fracasso do intento requerendo do artista enorme esforço para dar-lhes a sustentabilidade desejada. Esforço recompensado pela imagem do frágil equilíbrio que se sustentou durante meses no lago do Ibirapuera para a felicidade contemplativa de seus visitantes.

Máquinas, por sua vez traz o universo dos objetos cotidianos para, de novo, a lógica do mais improvável. A citação de Marx feita por Lacaz em seu site pode servir de senha para esse universo e, ainda bem, escapa da leitura rasa de muitos marxistas que, como disse Karl Popper, querem nos convencer de que os homens inventaram o avião só para vender passagens aéreas. Afinal, que “absurdo” pensar que os homens teriam o desejo de voar... “Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e portanto pode ser útil sob muitos aspectos” diz Marx “apud” Guto Lacaz. “Descobrir esses diversos aspectos e portanto os múltiplos modos de usar as coisas é um ato *artístico*”, diz a obra de Guto Lacaz interferindo na frase de Marx.

Com trilha sonora de Carlos Careqa, *Máquinas*, em sua terceira edição/versão nesse ano de 2008, apresenta as “coisas” do universo industrial para bem além do seu valor de uso e de troca. São 25 quadros/números nos quais vão se sucedendo trenzinhos de brinquedo, cadeiras, pás, vassouras, aspiradores de pó, cortadores de papel, furadeiras, secadores de cabelo, coleiras, varais, carregadores etc. exercendo função das mais improváveis: ser sempre o que não é (ou era). Ser uma outra coisa. Escapar da determinação utilitária. Revelar a ingenuidade e contrição do demonstrador sisudo e sério (Guto Lacaz) e seu fiel assistente (Javier Judas). Numa conversa informal, Guto Lacaz contou-me uma situação que não posso deixar de relacionar com o universo de

Máquinas. Segundo ele, quando ainda cursava o ginásio, de quando em quando apareciam demonstradores de equipamentos elétricos que montavam, de acordo com seu relato, verdadeiras “performances” para apresentar as características dos produtos. A memória parece ter sido apreendida na forma de salientar o caráter artístico dessas demonstrações.

Aliás, deve-se dizer que Guto Lacaz é fascinado pelo universo das invenções, das máquinas, da eletricidade (vide também seu espetáculo *Eletroperformance*), da mecânica, da ciência (há uma obra dele na exposição *Einstein*, no Ibirapuera) e nutre uma sincera admiração pelos profissionais que dominam esse mundo misterioso das descobertas. Santos Dumont é provavelmente tanto sua influência quanto qualquer outro artista que pudéssemos citar. O 14 Bis não lhe provoca admiração “apenas” pelo vôo, mas pelo design do projeto que Lacaz considera primoroso, um elogio à perfeição do Cubo. Por isso, o avião aparece também num dos quadros do seu mais novo espetáculo, *IOU*, que teve apenas três apresentações em setembro no Teatro da Aliança Francesa.

Em *Máquinas III*, como não rir das furadeiras acopladas à vassoura e à pá com o intuito de “capturar” o cubo de gelo do chão. Ou o taco de golfe que é usado diligentemente para colocar o gelo no copo de uísque. Varais retráteis são esticados em todas as direções numa apresentação de todas as suas possibilidades “geométricas”. Um “duelo” cujas armas são secadores de cabelo sustentando bolinhas de plástico. O assistente girando o banco enquanto o demonstrador segura impassível a lâmpada que deverá ser trocada. O mesmo assistente “carregando” o demonstrador “carregando” uma caixa num carregador de caixas com rodinhas. Relógios tirados de uma caixa, lançados para o outro lado para serem novamente guardados numa caixa e, então, voltarem para a caixa de onde saíram. Dessa vez tive a curiosidade de contar os relógios: 12 foram, 12 voltaram. Dispensável explicar. Barras de ferro são cuidadosamente acertadas e içadas por um mecanismo sob o olhar atento e seriíssimo dos demonstradores. As barras se inclinam e uma chuva de bolinhas invade o palco. Se tiver a esperança de assistir ao espetáculo ainda algum dia e não quiser saber o delicioso final, fique por aqui e vá para o próximo parágrafo. Ao som de Raul Seixas e seu “Viva a Sociedade Alternativa”, o artista volta-se para o público com um conjunto de metralhadoras de atirar setinhas de plástico, numa catarse da alegria.

Humor inteligente contra a melancolia pop. Um pouco de non-sense para o pragmatismo moderno. Espaços vazios para ver melhor. Sem palavras, porque o silêncio aqui é mais pleno de significado.

Referências:

ARISTÓTELES, *De anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

Edith DERDYK (org.), *Disegno. Desenho, Desígnio*. São Paulo: Editora Senac, 2007.

Site Oficial de Guto Lacaz: www.gutolacaz.com.br